



A hiperleitura como chave para a constituição do hipertexto

Emanuel do Rosário Santos Nonato

(UNEB)

Resumo

A relação entre hipertexto e TIC permeia os estudos sobre hipertexto e o define a partir do substrato que o contém. Neste estudo, busca-se chegar a um critério de recorte do hipertexto que independa do suporte. Articulado o pensamento de Marcuschi, Landow, Snyder, Wandelli e Bolter, dentre outros, a pesquisa visa determinar, mediante a aferição de graus de hipertextualidade potencial e graus de hipertextualidade concreta, a natureza hipertextual de um texto dado independente do substrato. O estudo demonstrar a possibilidade de se produzir percursos hipertextuais a partir de texto aparentemente não hipertextuais e vice versa, tendo a hiperleitura como elemento determinante. Demonstra-se a emergência de independência dos percursos hipertextuais em relação ao suporte e o papel central do sujeito hiperleitor na constituição do hipertexto como caminho para entender a hipertextualidade.

Palavras-chave: hipertexto; hiperleitura; TIC;

Abstract

The relation between hypertext and ICT is found in the studies of hypertext a defines it in relation to the technology that conform it. This study aims to to define a criteria of definition that will contemplate hypertext regardless its support technology. This study articulates Marcuschi, Landow, Snyder, Wandelli and Bolter,' thoughts in order to determine hyertextality through hyperreading. This study proposes the notion of concrete and potential hypertext regardless the substract. This study shows the possibility of development of hypertextual threads from apparently non hypertextual texts as hyperreading is the determining element. It demonstrates the independency of hypertextuality in relation to support and the central role of the subject hyperreader in the constitution of a hypertext.

Keywords: hypertext, hyperreading, ICT.



Introdução

O estudo do Hipertexto tem diante de si a imperiosa necessidade de estabelecer claramente os contornos teóricos dessa categoria em natural contraponto ao texto, dadas as óbvias interconexões que aproximam essas categorias já denunciadas pela taxonomia que assumem, ou melhor, a bem da verdade, pela taxonomia que o primeiro herda do segundo.

Um primeiro movimento é o de tentar caracterizar o hipertexto a partir de seu substrato. A partir dessa premissa, o movimento teórico se dá no sentido de levantar as características da tecnologia que serve de suporte ao texto eletrônico e, por extensão, ao hipertexto para, a partir delas, determinar o que seja o hipertexto e qual a sua configuração, na linha cujo expoente mais destacado nestes dias talvez seja Roger Chartier (1998, 1999, 2001, 2002). Nesta linha, há de se conceder que as discussões e estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm o incontestável mérito de fazer emergir a discussão pesquisa científica sobre o hipertexto. As potencialidades das TIC tornaram o hipertexto um elemento central na reflexão sobre textualidades na contemporaneidade. Todavia, a força potencializadora das TIC não raro leva à confusão de considerar as TIC como o ponto de partida do fenômeno da hipertextualidade como tal. Conforme essa linha, o hipertexto seria o resultado das potências criativas mobilizadas pelas TIC e só seria possível em ambiência digital, confluindo em uma só categoria hipertexto e hipertexto digital.

Destarte não se pretender aqui analisar sua teoria sobre a relação diacrônica entre texto e substrato, em si cheia de sinais marcantes de algum determinismo tecnológico, não obstante seu inegável valor no campo da história da escrita e da leitura, importa acentuar que a conclusão a que ele chega em relação ao texto



eletrônico e dele ao hipertexto – que “essas mutações¹ comandam, *inevitavelmente, imperativamente*, novas maneiras de ler, novas relações de escrita, novas técnicas intelectuais²” (CHARTIER, 1999, p. 101) – reduz sobremaneira o problema do hipertexto e da hiperleitura a uma questão de substrato, não obstante este tenha também importância, desconsiderando todas as outras variáveis.

Essa linha de raciocínio conduz, via de regra, a uma ênfase demasiada sobre as condições tecnológicas que garantem o pleno desenvolvimento das potencialidades hipertextuais, subavaliando as características próprias do hipertexto que prescindem ou mesmo induzem os movimentos da tecnologia de suporte e/ou reduzindo a discussão do hipertexto a um estudo de cunho meramente instrumental e tecnológico, olvidando por completo todo e qualquer aspecto propriamente textual da discussão.

Neste estudo, essa perspectiva teórica é tencionada por uma categorização se centra na potencialidade humana da hipertextualidade, no sujeito hiperleitor como constituidor do hipertexto concreto e das TIC como potencializadoras do hipertexto, mas não como sua condição de existência.

Esse segundo movimento é o de investigar o hipertexto a partir de suas características ontológicas, a partir dos elementos que conformam sua própria natureza e, como tais, demandam instrumentos tecnológicos que lhe garantam a viabilidade. Nesse sentido, toda abordagem tecnológica se torna instrumental e as bases mesmas do hipertexto precisam ser buscadas alhures, para além das contingências tecnológicas.

¹ Roger Chartier se refere às mudanças na forma de armazenamento do texto em ambiente digital e à forma de acesso do leitor ao texto.

² Grifo nosso.



De pronto, isto suscita a discussão a respeito do esse próprio dessa categoria, repondo a discussão do hipertexto como uma discussão do campo da Linguística Textual, ou mesmo como um campo *sui iuris*, nunca, porém, como um apêndice dos estudos sobre TI ou TIC.

Já aqui emerge com força o problema do hipertexto digital como estrutura referencial para o estudo do hipertexto e seu natural condicionamento às contingências das TIC *versus* a busca de um referencial para o hipertexto que resida em uma noção de hipertextualidade como categoria *sui generis*, assim determinante e não meramente determinada na relação dialética com a tecnologia, a par da identificação de uma tradição hipertextual pré-existente às TIC o que, por si só, torna-se um argumento mutuamente reforçador, na medida em que situa o hipertexto digital como o desdobramento contemporâneo da hipertextualidade, mas não a situa como um produto das tecnologias telemáticas.

Ao passo em que se deva reconhecer a importância e o valor de uma conceituação do hipertexto que se funde sobre a comprovação de sua pré-existência às TIC, posto que contribua sobremaneira para uma noção de hipertexto *pari passu* a outras categorias textuais, tal procedimento se baseia sobre a força do argumento sustentado pelo exemplo, sobre a força do fato demonstrado. Não raro a força do fato aborta o desenvolvimento de uma *ratio* que sustente o argumento do ponto de vista teórico não obstante o concurso do fato. Tal esforço teórico não pode ser empreendido sem que se construa um arcabouço teórico sólido e em si capaz de articular o conceito de hipertexto como uma categoria autônoma.

O objetivo deste estudo é propor um modelo teórico que permita a compreensão do hipertexto a partir dos processos de constituição dos percursos hipertextuais dos sujeitos hiperleitores. Desta forma, responder-se-á ao problema de pesquisa que conforma este estudo: como os sujeitos conformam os hipertextos.



1. Por um conceito de hipertexto através da hiperleitura

O problema do desenvolvimento de um aparato teórico capaz de dar conta da complexidade do hipertexto começa pela própria conformação dessa categoria do ponto da intencionalidade de sua criação e do ponto de vista semântico e etimológico, por assim dizer.

A formalização de um conceito de hipertexto é já uma forte tomada de posição no que tange a sua natureza, suas implicações e seus condicionantes, não podendo passar ao largo do problema do hipertexto *versus* hipertexto digital no que concerne à natureza ontológica dessa categoria, isto é, ao próprio *esse* do hipertexto.

Nesse sentido, o primeiro movimento é enfrentar a pergunta: o que é um hipertexto? Marcuschi (2007) salienta o problema ao perguntar-se

Se um hipertexto é apenas uma tecnologia de aplicação para ligação de muitos textos prévios ou se é simultaneamente uma tecnologia e uma técnica de produção textual. [...] Embora essas questões afigurem-se paradoxais, assemelham-se mais a equívocos categoriais na medida em que enquadram no mesmo nível fenômenos de ordens diversas (MARCUSCHI, 2007, p. 150).

Marcuschi já introduz o problema central em torno do qual gira toda a discussão sobre o hipertexto: a dimensão ontologicamente textual do hipertexto, ou, colocando em outros termos, a singularidade linguística que confere ao hipertexto sua condição de tipo textual *sui generis* para além e para além dos implicativos tecnológicos com os quais as TIC marcaram significativamente, é certo, o hipertexto e as potencialidades hipertextuais.

Já aqui a filiação deste texto a uma corrente em detrimento da outra se anuncia, de certo não a custo do sacrifício da neutralidade científica, mas muito mais acertadamente em nome da honestidade científica sem a qual, qualquer forma de neutralidade ou qualquer esforço de isenção arrisca-se a transformar o esforço acadêmico em caricatura de ciência, em ideologia travestida de pesquisa.



De fato, este é um campo não pacificado, como concede Raquel Wandelli ao entender que, “mais uma forma de escrita do que um conceito fechado, a noção de hipertexto está ainda em processo de construção e sedimentação” (WANDELLI, 2003, p. 24). Alhures, ela define que, “à medida que passa a euforia da novidade, começa-se a perceber que o hipertexto não se restringe a um aparato eletrônico, mas a um processo de escrita reticulada” (WANDELLI, 2003, p. 36).

Contudo, o problema do hipertexto como proposto acima está longe de ser consensual: a dissensão tem raízes muito profundas. Ilana Snyder define que “*hypertext is an information medium that exists only on line in a computer. A structure composed of blocks of text connected by electronic links, it offers different pathways to users*” (SNYDER, 1997, p. ix).

Diametralmente oposta à concepção de Wandelli (2003), o desenho teórico de Snyder (1997) nada concede ao hipertexto como tipologia textual *sui generis* ou, se o faz, submete-o a um determinismo tecnológico desconcertante.

David Jonassen (1996) define o hipertexto de modo muito mais direto, adjetivando em profusão e, nessa adjetivação, desvelando sua percepção do hipertexto como algo para além do texto, com um outro em si distinto do texto. Em defesa de Jonassen (1996) se pode aludir ao fato de que sua definição, não obstante parecer trilhar no campo da Linguagem, iluminada pelo contexto do qual é retirada e pelos interesses do autor, está muito mais voltada para a aplicabilidade didática do hipertexto do que para uma abordagem propriamente conceitual e linguística do hipertexto. Não obstante, porém, esse elemento mitigador, não se pode desconsiderar a força de sua definição e as implicações de sua opção teórica, mesmo propedêutica.

Dessa forma, há que se refutar o artificialismo da distinção urdida por Jonassen entre texto e hipertexto, sob a premissa de o hipertexto estar “*beyond normal text*”, de o hipertexto romper a linearidade do texto. Conquanto se pretenda alhures dissertar mais pormenorizadamente sobre o problema da linearidade, a alegação de



Jonassen de que o hipertexto rompe a linearidade do texto peca ao fazer residir a premissa da linearidade na condição do substrato do (hiper)texto e não no *modus* com o (hiper)texto foi engendrado e muito menos na condição de concretização do (hiper)texto de modo não linear que é a condição mesma da produção de (hiper)leitura, além de desconsiderar a dimensão linear fundamental dos eixos paradigmático e sintagmático do signo, como ademais se está a generalizar entre os que propugnam a não linearidade como do *esse* do hipertexto e um seu demarcador frente ao texto, pelo que já fica implícita a noção de linearidade do texto, por oposição.

Dessa forma, a extensão do conceito de não linearidade, por mais discutível que ela seja, no âmbito da hiperleitura constitui um grave sofisma: a não linearidade formal do hipertexto não é a causa da não linearidade da leitura. A leitura é ontologicamente não linear porquanto independe do substrato lido, da lógica que presida à configuração dos substratos: é dialógica, dialética e contextual pela própria natureza da linguagem (NONATO, 2006, p. 49).

Desmonta-se, assim, o argumento da não linearidade como possibilidade nascida da interconectividade das redes telemáticas como causa primeira. A bem da verdade, não lhes cabe propriamente nem a condição de causa instrumental, posto que sua instrumentalidade seja apenas otimizante, não condicionante ou geradora. A perseverar no uso de categorias aristotélicas, elas também não são causa material da não linearidade, mas como que causa eficiente (Cf. ARISTOTLE, 2007).

Conquanto sob pressupostos teóricos diversos, o pensamento de Bakhtin (2004, 2003, 2002a, 2002b, 2002c) e Vigotski (2003, 2000), no âmbito da Filosofia da Linguagem e da relação pensamento-linguagem, fornece também sólida base à



distinção entre o quanto de naturalmente não linear reside nas formas de construção dos sentidos.

Essa compreensão processual da relação pensamento-linguagem implica a noção de relações que se estabelecem de modo assimétrico no âmbito das construções de sentido objetivamente intersubjetivas. Uma linearidade profunda implicaria, no limite, uma retomada da noção do signo de matriz saussuriana, negando a dinamicidade do signo linguístico e tudo que daí deriva.

Essa noção de linguagem lança, necessariamente, um foco singular para os estudos textuais e da leitura, e hipertextuais e da hiperleitura por natural desdobramento, na medida em que a

compreensão da interação lógica entre pensamento e linguagem, segundo o modelo vigotskiano, ilumina significativamente a problemática da leitura, porquanto dispõe sobre outro substrato: a maneira como se lê fala muito da maneira como se pensa. Em outras palavras, as relações oriundas do mundo da linguagem são, por definição, expressões imanentes do pensamento (NONATO, 2006, p. 54).

Por seu turno, essa processualidade da relação pensamento-linguagem defendida por Vigotski articula-se bem com a nossa de Dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2002, p. 184).

Contudo, retomando o foco da discussão conceitual *stricto sensu*, embora sem dissociar-se completamente do pensamento de Ilana Snyder (1997), e com certa convergência com David Jonassen (1996), há que se destacar o modo como Luiz Antônio Marcuschi (2006) restringe um pouco a importância das TIC para o hipertexto ao conceder que seja



comum ouvir-se hoje que o hipertexto representa uma novidade radical, uma espécie de novo paradigma de produção textual. A rigor, ele não é novo na concepção, pois sempre existiu como idéia na tradição ocidental; novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade (MARCUSCHI, 2006, p. 1).

Muito embora não plenamente concordante com quanto afirme Wandelli (2003), a posição de Marcuschi (2007, 2006, 2004, 2000) é equidistante entre os polos Wandelli–Snyder aqui propostos. Se, por um lado, não converge claramente com a noção de hipertexto como preexistente às TIC e à revolução tecnológica do último quadrante do século passado, pois o assume apenas como noção e não algo concreto – assume-lhe a potência, mas rejeita-lhe o ato –, também não se compromete com o determinismo tecnológico em que parece cair Ilana Snyder (1997).

Nesta linha de discussão, a própria proposição que, por empréstimo, tomamos parcialmente a Marcuschi (2007) não é imune a quanto dissertado acima. Parece apropriado retomar aqui os dois elementos levantados por Marcuschi (2007), isto é se o “hipertexto é apenas uma tecnologia de aplicação para ligação de muitos textos prévios ou se é simultaneamente uma tecnologia e uma técnica de produção textual” (MARCUSCHI, 2007, p. 150), para manter a baliza desta discussão. O autor parece conceder como inquestionável que a primeira proposição seja verdadeira, como que a estabelecendo como ponto pacífico a partir do qual se pode começar a investigar o hipertexto. A questão posta, por conseguinte, reside na segunda proposição, ou ainda, no caráter restritivo ou não da primeira proposição. Já essa compreensão de que o hipertexto seja “uma tecnologia para ligação de muitos textos” coloca como pressuposto o princípio de *lexias* na linha querida por Barthes e Derrida.



Conquanto tanto Landow (1995) quanto Marcuschi (2003) abstenham-se de declinar quanto compreendam por texto nos excertos pinçados, parece bastante razoável conceder que se atenham ao texto escrito, a formas grafadas de textualidade, as construções sonoras e imagéticas o que, de certo modo, circunscreve o hipertexto a uma forma de textualidade na qual se possibilita a conexão de nós, hibridizando textualidades, mas subsistente a partir de um substrato tecnológico e dele dependente ontologicamente em sua totalidade, conforme Landow (2006, 1997, 1995) e Snyder (1997), ou ao menos no âmbito da concretização, conforme Marcuschi (2007).

Ainda nessa linha de consideração, essa definição do hipertexto como uma coleção de blocos de textos ou lexias, deixa de lado uma análise mais detalhada do que sejam essas lexias, ou melhor, da independência desses blocos de textos do ponto de vista semântico e sintático o que lhes colocaria na condição de textos propriamente ditos, e não fragmentos de textos, ou “hipotextos”, isto é, recortes de textos outros que, embora tenham coerência e coesão quando articulados na estrutura textual originária e possam tê-las na nova conformação textual originada no hipertexto em que se viram inseridos, carecem de coesão e coerência interna capazes de garantir a plenitude de seu status textual.

E aqui o problema do hipotexto é fundamental, pois a ser confirmada, implicaria em uma redefinição da hipertextualidade e no abandono do pressuposto de Marcuschi. *Per se*, as lexias de Barthes articulam-se a partir das estratégias de leitura e não a partir pretensas qualidades textuais que lhes conferissem qualidades tais que configurassem esses textos de modo tal que lhe conferissem a condição de lexias.

O princípio fundante de Barthes parece ser o de que “a leitura seja plural” (BARTHES, 1992, p. 11). Em sua obra clássica, Barthes propõe a divisão do “Sarrasine” de Renè de Balzac em lexias, mas adverte tratar-se de critério arbitrário e que se trata de “unidades de leitura” (Cf. BARTHES, 1992, p. 9) e não unidades de escrita. Em outras palavras, as lexias não o são enquanto os leitores assim não as configurarem.



Barthes, por conseguinte, oferece um antídoto que evita o problema do hipotexto: suas lexias são definidas pela prática leitora, não por características formais do texto.

Nesse sentido, a associação do conceito de lexias de Barthes ao hipertexto coloca um problema fundamental: ou o hipertexto é também articulado estruturalmente a partir das leituras, o que descartaria um status de estrutura textual *sui generis*, ou não pode ser fundado no conceito cunhado por Barthes. Em outras palavras, Marcuschi e Landow são irreconciliáveis neste ponto.

A noção de lexias harmoniza-se, por seu turno, com o conceito de rizoma do qual está prenhe o hipertexto. Neste sentido, é pertinente considerar o hipertexto como uma categoria rizomática e tomar o rizoma como metáfora do hipertexto, na medida em que

o hipertexto é um sistema que prescinde de uma unidade formal para subsistir como tal. Suas linhas, isto é, suas textualidades são diacronicamente voláteis, embora sincronicamente determináveis. É um sistema cuja única face é a multiplicidade (NONATO, 2006, p. 33).

Contudo, o elemento problematizador reside em considerar a emergência da especulação filosófica sobre os processos de construção rizomática do conhecimento e as tecnologias telemáticas como fatos desencadeadores desse próprio processo, ou, em outras palavras, considerar que processos rizomáticos como o hipertexto sejam dependentes ontologicamente: 1. da emergência de uma filosofia pós-estruturalista que, questionando as bases do conceito de verdade, conhecimento, saber e ciência, dá lugar a uma abordagem relativista que considera essas categorias como superadas a não ser que sejam pluralizadas e submetidas a uma *ratio* pluralista inconsistente com sua própria essência: a unicidade. Isto permitiria o desenvolvimento de formas textuais congruentes com essa *ratio*: formas rizomáticas; 2. da emergência das TIC como substrato necessário à consecução dessas racionalidades, posto que viabilizaria os



meios tecnológicos capazes implementar as noções pretensamente nascidas dos movimentos acadêmico-filosóficos iniciados na última metade do século XX.

O problema do hipertexto, por conseguinte, retorna ao problema da leitura e, por assim dizer, não há um conceito de hipertexto a construir *per se*, senão a partir e/ou em concordância com um conceito de hiperleitura: a dimensão de potência imanente em qualquer texto assume um grau *sui generis* no hipertexto, posto que não há que se falar de hipertexto dissociado do papel “atuante” do (hiper)leitor: no limite não há hipertexto em potência, mas apenas hipertexto em ato, configurado por um hiperleitor dado, porquanto, no limite, o hipertexto é um todo interligado de nós e conexões intangível em sua multiplicidade de entradas e saídas e impossível de ser acessado em seu todo, posto que aqui a relação clássica entre todo e parte não se sustenta. Por radical, este desdobramento merece um tratamento específico que lhe será dado alhures neste estudo.

Retornando ao ponto, a redução do hipertexto à dimensão de construto tecnológico – quase sempre entendido como digital – traz graves implicações para o *status* do hipertexto no âmbito dos estudos linguísticos propriamente ditos, da Linguística Textual especificamente. É verdade que há os que sistematicamente advoguem pela relação de determinação que o *medium* tem em relação ao texto.

Consoante o pensamento de Bolter (1991), a conformação física do substrato da escrita – que fora o papiro, passou ao códice, desse ao livro impresso e hoje ao texto digital – é determinante para a configuração das perspectivas escritoras e as expectativas leitoras. Bolter (1991) entende que as condições de escrita configuram limites tão estritos que se poderia descrever a história de quanto produzido pelo homem no campo da escrita a partir das contingências do substrato. Sem meias, Bolter (1991) concede sem luta a um determinismo tecnológico flagrante.



Em sua linha de raciocínio, Jay Bolter (1991) afirma que *“the papyrus was poor at suggesting a sense of closure. [...] On the other hand, printing strengthened the impression of the book as complete and closed verbal structure”* (p. 85-86).

O desenvolvimento natural desse raciocínio é considerar o hipertexto fruto da emergência de um substrato aberto, conquanto *“while electronic technology does not destroy the idea of the book, it does diminish the sense of closure that the codex and printing have fostered”* (BOLTER, 1991, p. 86). Desta forma, Bolter aprisiona o hipertexto necessariamente no ambiente digital e desconsidera sua pré-existência às TIC e a natureza dialógica mesma da linguagem: sua natural hipertextualidade.

Em sua defesa, contudo, a despeito da grande reputação que seus escritos continuam a gozar, há que se advogar sua escrita prematura no âmbito do desenvolvimento das TIC e do hipertexto digital, já distante no curso dos anos, e sua natural propensão a certo messianismo tecnológico. De certo, esse pensamento persiste atual posto que muitos reconhecem que *“a paradigm shift [...] has begun to take place in the writings of Jacques Derrida and Theodor Nelson, Roland Barthes and Andries van Dam”* (LANDOW, 2006, p. 1).

Resta, contudo, a se verificar se tal mudança paradigmática se enquadra nas duas características firmadas por Thomas Kuhn (2009, p. 30) para designar os paradigmas ou já aqui Landow quer inserir novo – e ainda obscuro – conceito de paradigma congruente com a própria redefinição de conhecimento e ciência que se enquadra no movimento intelectual do qual são expoentes Derrida e Barthes.

Em socorro de um argumento que liberta o hipertexto de qualquer amarra tecnológica, e portanto distanciando-se de Bolter e Snyder e aproximando-se de Wandelli e de quanto aqui postulado, Landow recorda que



much of our prejudice against the inclusion of visual information in text derives from print technology. Looking at the history of writing, one sees that it has a long connection with visual information, not least the origin of many alphabetic systems in hieroglyphics and other originally visual forms of writing. Medieval manuscript present some sort of hypertext combination of font sizes, marginalia, illustrations, and visual embellishment, both in the form of calligraphy and that of pictorial additions (LANDOW, 2006, p. 88).

Já aqui se retorna ao problema essencial da natureza própria do hipertexto e se introduz um elemento teórico novo nesta discussão: sua dimensão multimidiática.

Em defesa da singularidade do hipertexto, advoga-se sua natureza essencialmente multimidiática e a convergência de linguagens verbais e não verbais a formar um todo complexo no qual linguagem verbal, movimento, imagética e som articulam-se, completando-se e extrapolando-se entre os elos e nós da rede.

Toda essa discussão, entretanto, cai por terra ante a constatação de que a lógica hipertextual é um componente integrante do processo de construção de sentidos na leitura, por um lado, e de que formas hipertextuais, guardados os limites tecnológicos do suporte disponível nos diversos estágios da tecnológica da escrita, podem ser identificadas ao longo da história anterior à emergência das TIC, testemunhando sua pré-existência à revolução tecnológica em curso.

Não obstante quanto arguido em precedência, o modo como a cultura se articulou no entorno e, não raro, a partir da lecto-escrita acabou por acentuar o divórcio entre a lecto-escrita e as outras formas de representar o conhecimento, ou as outras tecnologias de produção do conhecimento.



De certo modo, o hipertexto recupera a inter-relação natural entre as linguagens verbais e não verbais, articulando um todo no qual o pensamento humano possa fluir através dos canais que se mostrarem mais eficazes entrecruzando-se na medida em que a necessidade de produção/manifestação sinaliza a demanda por uma ou outra linguagem ou pela imbricação de duas ou várias em um modelo híbrido – muito embora a própria noção de hibridismo no campo das linguagens já denuncie a permanência de uma noção dicotomizada do processo de comunicação humano e a subjacente hierarquização das formas de expressão e construção do conhecimento.

O fenômeno do grafocentrismo, já presente desde tempos remotos, acentuou-se sobremaneira com o advento da imprensa e a ampliação substancial da cultura letrada. A possibilidade de pensar livros em escala cada vez maior a custos cada vez menores ao lado das qualidades intrínsecas da lecto-escrita que não são objeto de análise neste estudo, mas que restam fartamente sabidas, levaram a certa hegemonia da lecto-escrita como ferramenta privilegiada na construção do conhecimento das classes dominantes ou o conhecimento dominante das classes privilegiadas.

Nesse sentido, a discussão sobre o hipertexto digital precisa considerar o lugar da hipermídia na construção dos percursos hipertextuais, já que “a hipermídia é uma tecnologia que permite escrita e leitura não linear, o que favorece o desenvolvimento de um pensamento complexo” (SANTAELLA, 2005, p. 55).

Nessa linha, ela não concebe distinção entre hipertexto e hipermídia. Conquanto sedutora, sua construção supõe uma imbricação tal que o advento do hipertexto não poderia preceder a hipermídia. Nesse sentido, o casamento de hipertexto e hipermídia acarreta uma negação implícita inconveniente da natureza hipertextual do pensamento e da linguagem.

Na verdade, uma teoria do hipertexto que se funde sobre a fusão do hipertexto com a hipermídia carecerá sempre de uma análise do fenômeno do hipertexto com um recorte diacrônico, o que poderá desencadear uma leitura desenraizada do fenômeno,



apartada das próprias fontes que a gestam; também carecerá de uma investigação de natureza linguístico-textual, reduzindo o estudo do hipertexto a suas dimensões tecnológica e comunicacional, a despeito da centralidade dos aspectos propriamente linguísticos do hipertexto, das relações entre os elos e nós que propõe uma nova tensão paradigmática no corpo do hipertexto, o modo como várias linguagens se articulam no corpo do hipertexto, enfim, as questões que emergem para além do substrato tecnológico que o contém.

Qual lógica circular, a discussão retorna ao elemento inicial e à proposição de Marcuschi (2007) nas primeiras linhas deste capítulo sobre o *esse* do hipertexto quanto à dupla dimensão de tecnologia e técnica de produção textual. Isto posto, analisados razoavelmente os argumentos, para melhor situar quanto se quer demonstrar, convém já enveredar também por uma linha positiva no esforço por apresentar elementos que garantam à hipertextualidade um *status* singular.

Para situar o hipertexto no universo das formas textuais possíveis, o primeiro passo é entender que se pode apenas “materializar” porções do hipertexto, ou conformar opções concretas de hipertextos em dado momento histórico e por um sujeito dado. Nesse sentido, o hipertexto em si é inatingível, apenas o percurso hipertextual trilhado por alguém é rastreável: o hipertexto *per se* é uma conformação abstrata, intangível, incognoscível, pois apenas o hipertexto constituído por alguém – uma porção, um recorte desse hipertexto intangível – pode ser acessado ou constituir-se como entidade textual concreta. Assim, somente um percurso hipertextual dado é hipertexto concreto: o universo de possíveis trilhas hipertextuais é apenas, e isto já é muito, um hipertexto potencial.

De certo modo, até essa possibilidade de “rastrear” o hipertexto é uma conquista recente, posto que todo o processo de hiperleitura desenvolvido em hipertexto não digitais ou mesmo a hiperleitura que transforma em hipertextos concretos textos aparentemente fechados em si mesmos, posto que não digitais ou



digitais sem *hyperlinks*, não deixa rastros físicos *a priori*: como atividade intelectual por natureza, no sentido estrito de atividade do intelecto, é uma operação mental desprovida de sinais físicos exteriores necessários.

Nessa linha, o hipertexto digital acrescenta certamente ao hipertexto a possibilidade de refacção do percurso hipertextual tal qual trilhando, uma espécie de escrita inversa do hipertexto possibilitada por qualquer ferramenta que permita o agrupamento em um arquivo único das lexias percorridas no processo de hiperleitura ou mesmo através do histórico de acessos do navegador digital, não obstante isso poder ser feito com maior simplicidade apenas a partir do mesmo terminal de computador utilizado, salvo mecanismos de rastreamento ou compartilhamento de informações que permitam o resgate dessas informações através de outros terminais, o que supõe um aparato tecnológico mais denso que o disponível ao usuário padrão. Agora, os hipertextos concretos podem emergir, podem ser desvelados e acessados.

Assim, o hipertexto concreto como devir é a consagração do equilíbrio dialético entre as balizas semânticas, sintagmáticas, paradigmáticas e sintáticas do hipertexto potencial e as escolhas coautorais de um sujeito hiperleitor dado. Para retomar a categoria hegeliana, o ser da potência e o nada da miríade de escolhas possíveis se fundem em uma unidade que só então é: o hipertexto concreto dado.

Não obstante tudo isto, retomando a discussão propriamente formal das implicações formais do hipertexto potencial, não se poderia elaborar um hipertexto limitado fisicamente, seja digital ou não? De certo que sim. O desenho dos nós e elos do hipertexto bem pode ser constituído, muito embora com esforço considerável, no sentido de permitir um número tal de percursos possíveis que sempre conduzam a um ponto de inflexão interno do hipertexto, rendendo-o circular, muito embora isto mais pareça uma proposição *ad argumentandum*, visto que contraria o *esse* próprio do hipertexto. Contudo, do ponto de vista técnico, é certo que esta é uma operação plenamente factível.



Contudo, duas questões desafiam essa limitação: primeiro, um hipertexto cujas opções de nós e elos conduzissem necessariamente a um processo de conectividade destinada a se fechar em si mesma não impediria que o processo de construção de elos e nós mentais – processo inerente à (hiper)leitura *lato sensu* – rompesse o cinturão eletrônico criado e lançasse o hiperleitor no universo de inter-relações possíveis no campo da linguagem e dos textos; segundo, ao criar um hipertexto fechado em todas as vias e destinado a manter o hiperleitor fechado em um horizonte de elos e nós possíveis predeterminados pelos autores e necessariamente circular, ainda lhe caberia organizar uma miríade de percursos hipertextuais possíveis, pois a única forma de evitar isto seria compor um desenho de percurso pré-determinado pela limitação do direcionamento dos elos e nós o que, no limite, significaria a construção de um texto ordinário ou tradicional – que alguns chamariam de linear, não obstante a imprecisão do termo e suas implicações que são tratadas alhures – por meios inventivos, não obstante permaneça a primeira objeção.

Assim, o problema se recoloca quanto ao conceito de hipertexto, sua dimensão de tecnologia de articulação de textos e/ou uma técnica de produção textual. Ao menos até este momento, ambas as vertentes têm em favor de si fortes argumentos não excludentes mutuamente.

Nesse sentido, não resta senão conceder que o hipertexto contenha em si essa duplicidade de natureza, essa ambivalência: o hipertexto é, ao mesmo tempo, uma tecnologia de articulação de texto ou lexias propriamente ditos e é também uma técnica de produção textual.

Aqui, talvez, convenha conceder que ao hipertexto como que a condição de espelho privilegiado o cognição humana, na medida em que a relação entre pensamento e linguagem siga uma “padronagem” hipertextual.



Segundo esse princípio, textos independentes, pré-existentes ou não ao advento das TIC, podem ser articulados a partir de elos e nós, constituindo uma nova unidade de sentidos.

Neste sentido, bem se poderia dizer que um elo ou nó não aberto é uma propriedade narcotizada do hipertexto. Mais que isto, é o portal para toda uma lexia narcotizada do hipertexto potencial, posto que “uma propriedade narcotizada não é uma propriedade eliminada. Ela não é explicitamente afirmada, mas tão pouco negada” (ECO, 2011, p. 70). Ela é a potência do devir, é o imponderável das escolhas coautorais do hiperleitor.

O hipertexto digital apresenta-se com uma possibilidade de construir uma rede metatextual que, no limite, poderia chegar a representar a expressão tecnológica da capacidade humana de construir elos e nós entre pontos em si díspares no processo de construção do conhecimento mediante uma rede de conexões significativas que conferem singularidade e consistência aos construtos cognitivos que sempre e necessariamente são articulados a partir das experiências e interações humanas.

Considerações finais

Ao adotar o sujeito hiperleitor como chave de análise do processo de constituição do hipertexto, nada se nega das potencialidades das TIC, mas se reconfigura o fenômeno do hipertexto no campo dos processos cognitivos humanos, permitindo verificar o quanto a subjetividade, a individualidade e a volição atuam como variáveis na constituição de hipertextos concretos.

O hipertexto existe em potência em toda construção textual enquanto desdobramento da hipertextualidade inerente ao modo de construir conhecimento dos seres humanos. Nesse sentido, o hipertexto não é um construto nascido das tecnologias, mas é uma potencialidade que se manifesta e se constitui através das



tecnologias como expressão da hipertextualidade inerente ao pensamento e à linguagem. As categorias de hipertexto potencial e hipertexto concreto são potencializadas pela TIC na medida em que criam ambiências tecnológicas nas quais essas potencialidades podem muito facilmente ser atualizadas. Nesse sentido, as TIC se constituem em potencializadoras da hipertextualidade.

Referências

ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTOTLE. **The Metaphysics**. New York: Dover Publications, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2002a.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002b.

_____. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002c.

BOLTER, Jay David. **Writing Space: the computer, hypertext and the history of writing**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.



_____. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Trad. Maria del Priori. Brasília: UnB, 1999.

_____. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

ECO, Umberto. **Lector in fabula:** a cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. Atílio Cancian. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LANDOW, G. P (ed). **Hyper/Text/Theory.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

LANDOW, George P. **Hypertext 3.0:** Critical Theory and New Media in an Era of Globalization. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

_____. **Hypertext 2.0:** the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Rev. & ampl. ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais:** novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula.** In: AZEREDO, J. C. (org.). Língua Portuguesa em debate. Vozes, 2000, p. 87- 111.

NONATO, E.R.S. **A formação do hiperleitor:** características do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação crítica do aluno-hiperleitor. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço.** São Paulo: Paulus, 2004.

SNYDER, Ilana. **Hypertext:** the electronic labyrinth. New York: NYU Press, 1997.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e Linguagem.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WANDELLI, Raquel. **Leituras do Hipertexto.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.